

## **Tradição e ruptura: problemáticas da criação em dança. Diálogo com o texto “É para a dança perder o juízo?”, de Paulo Paixão**

*Adriana Bittencourt (UFBA)*

GT – Danças e novas Tecnologias

Palavras-chave: criação de dança, mercado e política

O artigo *É para Dança Perder o Juízo?* de Paulo Paixão, visa construir uma problemática, ainda que de maneira geral, entre tradição e ruptura nos processos de criação em dança. Para tal, o mesmo adota alguns aspectos ou parâmetros como constituintes fundamentais que servem para diferenciar uma dança de outra, os distintos modos de concepção em dança. Isso implica em procedimentos envolvidos na sua própria feitura. Tradição teria, assim, parâmetros de composição que produzem um tipo de natureza de dança, enquanto que criações ausentes desses parâmetros se encontram inseridas no contexto das rupturas. Ter e não ter tais parâmetros, segundo o autor, provoca a emergência da tensão pela oposição.

O autor chama de imperativos modernos os responsáveis por fundar as bases ontológicas da dança que sob um enalço de uma cultura dominante, instalou durante séculos características que permanecem nos dias atuais, e que se encontram implicadas em um modo específico de se pensar dança. Aponta que o balé ao se formalizar, teceu-se numa lógica de codificação que legitima os tais imperativos modernos e institui a idéia de verdade como entendimento do que se é dança e de como se faz dança. Anuncia, também, a dança moderna e a dança-teatro como outros paradigmas estéticos onde alguns artistas encontram-se inseridos. Para Paixão, esses artistas estão vinculados a estratégias de manipulação de passos, coreografia e a necessidade de um coreógrafo, ao mesmo tempo em que atrelam seus fazeres aos tais paradigmas citados acima. Ele assinala que Pina Baush, Isadora Duncan e Beuchamps têm características em comum, quando “bebem da fonte”, pois ao construírem suas danças utilizam os tais parâmetros, o que provoca contradições. Eles estariam com um “pé” na tradição e outro na “ruptura”. Desta maneira, torna-se instigante indagar sobre essa questão.

O autor se centra na busca de uma definição do que pode ser tradição e ruptura na dança, sendo esse o cerne da questão que permeia todo o artigo. Romper a tradição seria, então, seguir em direção a formas complexas e imprecisas, e até obscuras e indefinidas provenientes do acaso. Vale refletir sobre o que seriam essas formas complexas e imprecisas apontadas no artigo, pois para Paixão, um corpo que prescinde de tratamentos tradicionais em cena é portador dessas formas uma vez que configuram-se ao acaso. É o acaso, então, o gerador da imprecisão?

Mas esse jeito de fazer para Paixão provoca, também, um estranhamento entre a dança, o público e a crítica, pois o “artista anuncia a apresentação de um tema que atravessa sua obra” e isso

se deve em grande parte a insistência da validação dos métodos tradicionais, parâmetros, em contrapartida a sua negação. E é assim que o autor afirma que a utilização de novas formas de fazer dança estabelecem uma espécie de concordata alucinatória entre o artista e a audiência.

Assinala que utilizar procedimentos fora do contexto tradicional pode produzir riscos: a dança pode “morrer”. O autor expõe essa possibilidade de perda da dança a partir de análises feitas pelo público, ou seja, coloca em risco a própria condição de ser dança. Seria a impossibilidade de reconhecer na dança a dança? Será mesmo possível tal questão? Ou faltam “olhos” que portem uma destreza para percebê-la? Do outro lado, encontra-se o repertório, como alicerce e tratamento que referenda um modo de fazer dança tradicional. E, assim, Paixão segue os passos que indiquem a percepção das diferenças ao propor como procedimento para um artista-criador de dança, um olhar sobre os parâmetros constitutivos. Estes “assombram” os artistas em busca da construção de uma identidade.

Seguindo o pensamento desenvolvido pelo autor, algumas perguntas aparecem como “bolinhas saltitando” na mente. É possível considerar esses parâmetros como gerais? Corpos são genéricos ou singulares? O que é de fato tradição em dança? Há rupturas? Corpos que investigam um modo de fazer que lida com a incerteza e o acaso não possuem códigos? Eis aqui algumas questões pertinentes para quem pretende estudar dança como produção de conhecimento uma vez que se inserem em debates acirrados em várias áreas do saber. Muitas vezes a tentativa de apropriação de uma fala sobre a dança acende uma condução de portador e representante de muitas vozes. Deste modo, é preciso exercitar um olhar dirigido para o entendimento do que faz cada dança ser o que ela é, ou melhor, como cada dança se organiza. É o que diferencia avistar de ver, e ver de enxergar. A dança não pode servir de análises sob holofotes como se precisasse do suporte de outras áreas para descrever sua feitura. Isso é estar fora dela.

A dança evolui, pois essa é a condição de sua transformação e permanência. Condição de todo existente. O que se encontra selecionado a ponto de ganhar uma certa estabilidade indica uma eficiência de replicações no tempo, uma vez que a durabilidade favorece ações de replicações. Para se mudar o modo de pensar dança, é preciso agir com mais eficiência ainda, pois as informações e padrões estáveis devem ser desestabilizados. A evolução não pressupõe valores morais. E, a partir desse entendimento, a percepção do corpo se modifica ao mesmo tempo em que modifica o mundo, que se torna o mundo capaz de perceber. Pode-se optar por entender os fenômenos, de uma maneira geral, a partir de crenças, mantras e soluções cristalizadas como necessidade de instituir modelos como procedimentos criativos para a dança. Buscar polaridades como forma de assegurar o que se tem em um lugar e não em outro, poderá fortalecer as lentes dos holofotes. E o corpo... é uma coleção de informações em relação e a dança... é mais um jeito que ele tem de formalizar e

organizar essas informações. São soluções provisórias, submetidas aos processos. Identidade pode ser um problema para quem faz dança contemporânea.

Corpos são híbridos, não são nem idênticos e nem possuem uma única identidade. Tem-se uma hoste de zumbis povoando nossas cabeças (Ramachandran 2004). Eu agradeço por isso, uma vez que me permite ver a dança como uma rede tecida em evolução. “Qual a cara dela”? É nessa pergunta que notamos a insignificância da tal identidade uma vez que o entendimento recai sobre como ela é feita e não do que é feita, tecida em uma rede conectada e evolutiva. E assim, a lógica que uma dança apresenta, resvala em um modo de se pensar o mundo. E são muitos... E se transformam permanentemente.

As questões levantadas por Paixão são de extrema relevância para a construção de uma epistemologia da dança, pois lança questões que são debatidas e problematizadas quando apontam a insegurança propiciada pela ausência de um modelo que identifique ou dê identidade à dança contemporânea. Além de um arrojo salutar quando adentra em celeumas já ramificadas.